



**VII Workshop Nacional de Educação Contextualizada  
para Convivência com o Semiárido Brasileiro  
IV Colóquio de Pós-graduação do Vale do São Francisco.  
Diversidades e Direitos em Territórios Semiáridos.  
2017**

**Modalidade:** Ensaio.

**APRENDIZAGEM COLETIVA NA UNICAMPO**

Eric P. Sabourin, CIRAD, Umr Art-Dev e Universidade de Brasília, Centro do Desenvolvimento Sustentável e PPG –MADER-FUP. [eric.sabourin@cirad.fr](mailto:eric.sabourin@cirad.fr)

**Palavras-chave:** Ação coletiva. Aprendizagem coletiva. Reciprocidade. Brasil.

**INTRODUÇÃO**

Dentre as numerosas questões levantadas pelos processos de construção social de saber em parceria, várias envolvem os métodos de apoio às aprendizagens. Como conciliar processos de produção de saber de qualidade e aprendizagem para todos? Como atender às enormes necessidades de "formação em massa" dos agricultores, aliando criatividade pedagógica e adaptação dos conteúdos? Faz-se indispensável sistematizar e valorizar métodos e resultados. Produzir referências significa valorizar experiências e suas condições de realização, analisando-as e apresentando-as de forma a servir de suporte para um processo de aprendizagem.

Um elemento chave passa a ser aquele da formação para a produção de conhecimentos de base e para a adaptação das inovações para o maior número de beneficiários. O texto apresenta alguns elementos e ensinamentos de uma experiência original de formação por alternância de jovens líderes e membros de organizações camponesas e de agricultores familiares assentados. Trata-se da Universidade Camponesa do Cariri (Unicampo) que funcionou entre 2003 e 2008, em particular na Escola Técnica Agrícola de Sumé, no Estado da Paraíba.

**A UNIVERSIDADE CAMPONESA DO CARIRI<sup>1</sup>**

**Um projeto inovador**

O objetivo do projeto Unicampo era desenvolver competências locais em termos de apoio à agricultura familiar e ao desenvolvimento rural sustentável por meio da formação de jovens dirigentes camponeses (Caniello *et al.*, 2003). Na origem, o projeto foi criado a pedido das organizações de

---

<sup>1</sup> Alguns trechos são provenientes de um texto redigido em colaboração com Émilie Coudel e Jean-Philippe Tonneau, (Coudel *et al.*, 2007).



**VII Workshop Nacional de Educação Contextualizada  
para Convivência com o Semiárido Brasileiro  
IV Colóquio de Pós-graduação do Vale do São Francisco.  
Diversidades e Direitos em Territórios Semiáridos.  
2017**

agricultores e contra a lógica dominante da Universidade. O primeiro ciclo foi construído para atender a uma solicitação dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais (STR) da região junto ao departamento de sociologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). A formação foi oferecida pela UFCG no âmbito da Escola Agrícola de Sumé, no centro da região do Cariri, em colaboração com diversos atores do desenvolvimento regional, entre eles ONGs locais. O princípio consistiu em garantir, no âmbito local, uma formação por alternância sobre o desenvolvimento sustentável para um grupo de 25 a 30 dirigentes de organizações de base (comunidades rurais e projetos de reforma agrária). Os agricultores foram designados por suas organizações.

Os cursos ocorreram nos finais-de-semana, de forma a permitir que os alunos garantam sua atividade profissional. Tratava-se de uma sensibilização geral para os temas do desenvolvimento sustentável, que devia se ater a um ciclo de 3 meses. Mas em fevereiro de 2004, na hora do balanço, os alunos exigiram que a formação continuasse o que levou o projeto a se lançar em um segundo ciclo de aperfeiçoamento e a buscar novos financiamentos para um terceiro ciclo. Uma dúzia de alunos adicionais foi selecionada nos assentamentos de reforma agrária do Cariri, a pedido do Projeto Don Helder Câmara (do Ministério de Desenvolvimento Agrário- MDA com apoio do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola- FIDA) que passou a co-financiar a formação a partir de 2004. Este segundo ciclo durou 9 meses. Assim, os alunos puderam se familiarizar com a metodologia de pesquisa-ação. Os estudos locais lhes deram a possibilidade de analisar, em suas comunidades, os recursos disponíveis, as necessidades e possibilidades de ação mediante projetos. Por fim, um terceiro ciclo de 9 meses, voltado para a realização de projetos produtivos nas comunidades dos alunos, completou a formação (março-novembro 2005). A primeira promoção foi diplomada no final de 2005. A maioria dos alunos continuou trabalhando como agricultores, mobilizadores sociais ou agentes de saúde participando de novos projetos em suas comunidades de origem ou no âmbito do Território rural do Cariri.

### **Aprendizagens diversas, até inesperadas**

Além dos ensinamentos práticos, profissionais e escolares, a avaliação destes três ciclos experimentais revelou uma diversidade e uma riqueza de aprendizagem, ambas ligadas à dinâmica de construção coletiva da formação com os atores locais. O contexto da formação é importante: era a Universidade indo até os camponeses e não os camponeses indo até ela. Para eles, era ela que deveria sair da cidade e ir até suas comunidades. Isto revela, por um lado, a necessidade de uma universidade



**VII Workshop Nacional de Educação Contextualizada  
para Convivência com o Semiárido Brasileiro  
IV Colóquio de Pós-graduação do Vale do São Francisco.  
Diversidades e Direitos em Territórios Semiáridos.  
2017**

"deles e próxima a eles"; por outro, a necessidade de criar e gerar relações de proximidade e interconhecimento com as suas comunidades para legitimar ações.

Os agricultores se sensibilizaram com a utilização de seu meio local ou regional como base de recursos pedagógicos, com a proximidade entre os temas abordados e seus interesses, suas necessidades e seus hábitos. Por sinal, segundo a pedagogia da problematização, esta combinação de "discussão/análise da realidade" constitui um momento pedagógico do processo de aprendizagem. Por exemplo, os participantes apreciaram muito a realização de um jogo chamado "Jogo do Cariri"<sup>2</sup>: é um trabalho de grupo que permite interagir com os outros de maneira lúdica (aprendizagem social e aprendizagem de regras), mediante uma simulação de manejo dos recursos naturais. O jogo trata diretamente de suas realidades e lhes permite participar de forma ativa, manejando conhecimentos elaborados com suas contribuições e que dão origem a novas construções de saberes.

Sobretudo, o papel ou lugar dado a cada ator no âmbito do coletivo foi essencial, passando em particular por dois processos: o comprometimento e a "troca mútua" (ou reciprocidade). Nos cursos, a participação ativa dos alunos induziu neles a motivação de se envolver em uma participação mais institucional, em particular com a criação de sua própria associação. Graças aos intercâmbios mútuos entre pessoas de origem e estatutos bem diferentes, os camponeses puderam se abrir para outros modos de pensamento e constatar que seus próprios saberes podem ser respeitados, algo que lhes trouxe confiança. Graças às relações entre alunos, tornaram-se possíveis encontros entre mundos que, de hábito, convivem sem se misturar; por exemplo, os agricultores das comunidades camponesas e aqueles dos assentamentos de reforma agrária. Assim, puderam confrontar suas premissas, aprender a se conhecer e se respeitar apesar de suas diferenças.

### **O papel da ação coletiva**

Além do reconhecimento implícito de um trabalho de grupo e de um verdadeiro projeto coletivo, a equipe pedagógica não considerava a Unicampo como um arquétipo de ação coletiva, talvez com razão. Ora, o projeto inicial comportava apenas um único ciclo de 120 horas que devia se encerrar em dezembro de 2003. A continuação da experiência e sua formalização final se deveram à mobilização coletiva dos alunos constituídos em associação, a contar do final do primeiro ciclo. Não

---

<sup>2</sup> Jogo de gestão de uma unidade familiar agrícola em um circuito de tipo banco imobiliário, construído a partir de eventos e recursos simbolizados e adaptados a partir da realidade agroecológica e socioeconômica da região do Cariri.



**VII Workshop Nacional de Educação Contextualizada  
para Convivência com o Semiárido Brasileiro  
IV Colóquio de Pós-graduação do Vale do São Francisco.  
Diversidades e Direitos em Territórios Semiáridos.  
2017**

é de se surpreender que um projeto que retome os princípios fundamentais de Paulo Freire (1968) em termos de pedagogia da conscientização leve à organização dos alunos para a defesa de seus interesses. Por outra parte, ainda que este projeto vise uma aprendizagem para fins de fortalecimento de competências profissionais individuais, nem por isso os formadores e formandos deixaram de esperar um efeito de aprendizagem coletiva no que tange à integração do dispositivo de formação a um movimento social que vise melhorar a vida local. Ora, a articulação com o movimento social, local, regional ou nacional constituirá um dos elementos-chave para qualquer continuação ou renovação da experiência.

A Unicampo influenciou também novas ações coletivas. A criação da associação dos alunos, de sua própria iniciativa, mostrou o desenvolvimento de suas capacidades em se lançar em ações de desenvolvimento em suas comunidades. Constituíram um espaço e modalidades para continuar a partilhar saberes, regras e técnicas baseadas em valores comuns fora e após o âmbito da formação. Com a recuperação de suas raízes camponesas, antes desprezadas ou ocultas por conta da alienação da sociedade dominante (Mendras, 1976), foi possível construir relações de reciprocidade na base da dignidade e da conscientização coletiva. A institucionalização deste tipo de relação, sua reprodução ou ampliação pode contribuir para criar uma ou várias relações estruturantes de reciprocidade ternária (aberta para terceiros) duráveis. Trata-se de uma das condições potenciais de valorização dos recursos do território local ou regional; estas condições, além de materiais, são também éticas, espirituais e simbólicas (Sabourin, 2005a).

### **Limites e perspectivas**

Não obstante os avanços pedagógicos devemos mencionar algumas limitações do projeto Unicampo (Mercoiret, 2004), inclusive no que tange às condições de uma ação coletiva sustentável (Ostrom, 1990 e 1992) e às modalidades de sua institucionalização.

Por trás do grande envolvimento dos alunos, surge um contraponto: o envolvimento limitado das organizações de produtores e ONG locais associadas à implantação do projeto inicial, comparado com as estruturas públicas. Isto coloca em debate o envolvimento dos camponeses nestas organizações e traz a questão da crítica da assimetria de poder no Nordeste entre organizações da sociedade civil, instituições de financiamento e poderes públicos.

O entusiasmo fundador, ligado a novas estruturas tende a fazer com que seus portadores esqueçam que não são únicos e que a região possui uma história. Outras instituições estão presentes;



**VII Workshop Nacional de Educação Contextualizada  
para Convivência com o Semiárido Brasileiro  
IV Colóquio de Pós-graduação do Vale do São Francisco.  
Diversidades e Direitos em Territórios Semiáridos.  
2017**

os políticos eleitos e os movimentos sociais constituem também interlocutores institucionais legítimos e imprescindíveis. O sucesso do projeto está amplamente associado ao entusiasmo dos "pioneiros" com uma dinâmica "fundadora". Ora, foi difícil e até impossível reproduzir de maneira permanente o comprometimento individual dos educadores envolvidos durante quase todos os finais-de-semana, por três anos. Era precisa uma formação original de novos formadores para dar continuidade à experiência, abrir novos locais e garantir a transmissão dos ganhos pedagógicos.

A configuração institucional não era claramente dada: a Universidade Camponesa no Brasil era um projeto da Universidade e do MDA ou um projeto das organizações camponesas? Em outros termos, como as organizações camponesas podiam ter um meio de controle dos dispositivos, dos conteúdos, da seleção dos candidatos e dos docentes? Por outra parte, para as instituições que financiavam e controlavam a Unicampo, a tentação de aproveitar da divulgação na mídia de um projeto "piloto" para fortalecer suas próprias estratégias era inevitável.

A Universidade Federal de Campina Grande optou por negociar a abertura de novos *campi* no interior do Sertão, seguindo uma lógica de alianças políticas locais, entre os quais o de Sumé, junto a Escola Técnica Agrícola.

Após ter atrasado o processo de replicação de Universidades camponesas no Nordeste, o Projeto Don Helder Câmara do MDA realizou ciclos de formação em 2008 e 2009 nos Estados do Nordeste, inspirados da Unicampo, mas com outros métodos e objetivos. Convidada para a avaliação final, a CONTAG aprovou a experiência piloto, mas suas prioridades que não passavam pelo Cariri ou pela Paraíba, onde a federação regional é considerada conservadora. A continuidade passou pelas comunidades e organizações camponesas do Cariri, num âmbito local ou microrregional. Tentaram promover novos ciclos locais e asseguram vários projetos produtivos negociados com os serviços públicos de pesquisa e desenvolvimento (horticultura ecológica, artesanato, sistemas agroflorestais, etc.).

## **APRENDIZAGEM E AÇÃO COLETIVA: QUÉ RELAÇÃO?**

A partir dos trabalhos de Hatchuel (1994; 2000), que considera que a articulação entre a natureza das relações e a natureza dos saberes é uma tensão fundamental da ação coletiva, a equipe da Universidade camponesa construiu uma tipologia de aprendizagens, baseada tanto na natureza das relações que produziram a aprendizagem quanto na natureza do saber que está em jogo. Desta forma,



**VII Workshop Nacional de Educação Contextualizada  
para Convivência com o Semiárido Brasileiro  
IV Colóquio de Pós-graduação do Vale do São Francisco.  
Diversidades e Direitos em Territórios Semiáridos.  
2017**

é possível fazer a distinção entre quatro formas de aprendizagem:

- as *aprendizagens individuais* podem ser adquiridas em situação de ação individual ou coletiva, mas são mobilizadas de forma diferenciada pelos indivíduos;
- as *aprendizagens cruzadas* são aprendizagens mútuas ou recíprocas entre interlocutores em interação;
- as *aprendizagens sociais ou organizacionais* são adquiridas no âmbito de uma experiência de prática coletiva, embora não sejam necessariamente reutilizadas em situação de ação coletiva;
- as *aprendizagens coletivas* só são possíveis em situação de ação coletiva, através da prática conjunta de uma experiência comum e podem ser mobilizadas posteriormente, justamente para a ação coletiva.

Cruzando esta tipologia com o quadro das relações estruturantes da reciprocidade proposto por Temple (1998), constatamos que é possível aplicar este marco de análise às relações de aprendizagem (de produção, transmissão e mutualismo de saberes) que colocam em jogo valores humanos específicos.

As *aprendizagens cruzadas* surgem do encontro de duas pessoas, educador x aluno, alunos entre si ou educadores entre si. A relação de reciprocidade do "cara a cara" entre dos indivíduos ou dos grupos dá origem a valores tais como o respeito, o reconhecimento e a amizade.

As *aprendizagens sociais* correspondem a *relações estruturadas de reciprocidade ternária* (em que atuam pelo menos três sujeitos), de circulação ou mutualismo de saberes ou recursos no âmbito de um grupo. As relações ternárias bilaterais (de tipo Unicampo) produzem a confiança coletiva e valores de solidariedade e justiça (Sabourin, 2005b). Outras configurações, tais como a transmissão de saberes entre gerações (iniciação, saber fazer,...) correspondem a estruturas ternárias unilaterais que produzem a responsabilidade.

Para serem geradas e adquiridas, as *aprendizagens coletivas* dependem do envolvimento mútuo e recíproco de cada um numa experiência coletiva ou compartilhada. Estas diferentes aprendizagens, provenientes da ação coletiva, motivam de volta o cumprimento das regras – ou seja, a manutenção ou o fortalecimento da ação em si – ou até mesmo outras ações coletivas que envolvam o grupo. O interesse individual se vê fortalecido pelo interesse pelo outro ou pelo grupo, pelo projeto coletivo.

Por meio destas relações de reciprocidade horizontal (Sabourin, 2000 e 2001; Godbout, 2004) e de compartilhamento, mas também de enfrentamento (rivalidade e emulação), constroem-se estruturas que as regras coletivas e compartilhadas tornam mais ou menos estáveis. São estruturas de





**VII Workshop Nacional de Educação Contextualizada  
para Convivência com o Semiárido Brasileiro  
IV Colóquio de Pós-graduação do Vale do São Francisco.  
Diversidades e Direitos em Territórios Semiáridos.  
2017**

regras graças às quais é possível constituir um capital humano ou social (Sabourin, 2005a e 2005b). Mas a motivação pela criação deste capital humano e pelo cumprimento das regras da ação coletiva se deve ao fato que estas relações estruturadas de reciprocidade atendem claro, a necessidade e a interesses materiais ou imateriais concretos (no caso, as aprendizagens de saber e de saber fazer), mas, produzem ao mesmo tempo valores humanos de amizade, confiança e responsabilidade que não estão dados *a priori* (Temple, 1997, 1998).

### **APRENDIZAGENS COLETIVAS E RECIPROCIDADE**

Na Unicampo, a interação entre as várias formas de aprendizagem e de dinâmicas coletivas é esclarecedora, não apenas da natureza dos conhecimentos produzidos, como também dos valores humanos éticos e afetivos que são produzidos.

#### **A atualização de relações de reciprocidade em novos dispositivos**

É também possível consolidar as práticas e iniciativas das comunidades rurais que visam produzir e compartilhar saberes quando novas relações de reciprocidade são estabelecidas com atores externos por meio da criação de dispositivos de interação *ad hoc*. No caso da Unicampo e do curso de alternância de Unaí, esta interação se deu entre organizações camponesas e poderes públicos. Os beneficiários da Universidade camponesa da Paraíba (agricultores das comunidades e dos projetos de reforma agrária do Cariri) associam o sucesso desta formação coletiva à qualidade da aprendizagem (individual e institucional) e à produção de valores como a confiança, partindo-se de relações de dádiva e de compartilhamento de saberes (Coudel e Sabourin, 2005). Foi possível construir o sentimento de confiança, produzido na medida em que a metodologia da formação instituiu uma relação humana aberta, envolvendo respeito e humildade entre formadores e formandos. Não é mais tanto a questão de produzir ou transmitir conhecimentos e sim de criar as condições para a aprendizagem, o que supõe restaurar a dignidade e a palavra para os camponeses em formação. Na Unicampo, são compartilhados saberes, opiniões, conscientizações mútuas, mas também práticas: exercício pedagógicos, visitas de estudo, trabalhos manuais e artísticos (Tonneau e Sabourin, 2004). Os alunos explicam a eficácia das aprendizagens pela importância dada:

- ao *respeito do outro* (aluno ou professor), à *capacidade de escuta, que produz a confiança no âmbito do grupo*;



**VII Workshop Nacional de Educação Contextualizada  
para Convivência com o Semiárido Brasileiro  
IV Colóquio de Pós-graduação do Vale do São Francisco.  
Diversidades e Direitos em Territórios Semiáridos.  
2017**

- às *relações de reciprocidade* com outros profissionais ou atores sociais e técnicos (agricultores, artesões, poetas, artistas,...);
- à *prática coletiva do trabalho manual no curso de artes plásticas, inclusive para os professores*, iniciativa que criou relações horizontais entre alunos e professores.

Assim, as aprendizagens mais notórias estão associadas a relações que também produzem valores humanos e sentimentos importantes: confiança (em si e nos outros), respeito mútuo e reconhecimento do outro, sentimento de justiça (a noção essencial do direito e do dever *de "tomar" ou de "dar" a palavra*); e por fim, responsabilidade (para com os parceiros da formação e para com a comunidade ou organização de origem). Estes valores éticos são produzidos por relações estruturadas de reciprocidade simétrica (Temple, 1998).

- O respeito, o reconhecimento e a amizade são produzidos pelo "cara a cara" da relação de *reciprocidade binária simétrica*.
- A confiança coletiva é produzida pelas relações estruturadas de *compartilhamento* no âmbito do grupo: compartilhamento de saberes, aprendizagens mútuas ou cruzadas, compartilhamentos de responsabilidades e solidariedade;
- O sentimento de justiça na aprendizagem e na conscientização é produzido pela equidistância entre a necessidade de consciência (sua aplicação, para si mesmo e para os outros) e a fonte do conhecimento (personificada pelo formador). Esse sentimento corresponde a uma relação de *reciprocidade ternária bilateral*.

Por outra parte, os agricultores formados insistem no fato que a universidade camponesa não está apenas "*perto deles*" e sim "*é deles*". Assim, foram motivados a criar relações de proximidade e interconhecimento: tanto entre si, montando uma associação dos antigos alunos da Unicampo ou projetos produtivos com a população de suas comunidades, por meio de iniciativas educativas (oficina para crianças e mulheres) e projetos educativos de desenvolvimento local nos assentamentos.

Assim, os participantes da Unicampo criaram um espaço e modalidades para continuar a compartilhar saberes, regras e técnicas aprendidas e, conscientemente ou não, para reproduzir os valores comuns compartilhados, como nas sessões de formação de Sumé. Foi até a despeito da equipe pedagógica, no caso do projeto Unicampo, onde não se tratava mesmo de ministrar esta base de ensinamentos. Mas ainda que tenha sido apenas um epifenômeno, daqui em diante esta nova base de aprendizagem, oferece e permite renovar as perspectivas das formações de agricultores.





**VII Workshop Nacional de Educação Contextualizada  
para Convivência com o Semiárido Brasileiro  
IV Colóquio de Pós-graduação do Vale do São Francisco.  
Diversidades e Direitos em Territórios Semiáridos.  
2017**

Os alunos da Unicampo organizaram uma ampliação das relações de reciprocidade produtiva e de redistribuição/aprendizagem de saberes e valores. Isto representa todo o contrário da reclusão sobre si-próprio, do isolamento (autarcia e dependência) que caracteriza as formas de alienação que são, em geral, associadas às sociedades camponesas (Mendras, 1976). Com a valorização e recuperação de suas raízes camponesas, antes desprezadas ou ocultas, foi possível construir uma relação de reciprocidade na aprendizagem que produza um valor coletivo de dignidade e prestígio. A institucionalização deste tipo de relação, sua reprodução ou sua ampliação pode contribuir para criar e fortalecer uma estrutura de reciprocidade ternária unilateral. Para os agricultores, ela constitui também uma condição potencial de valorização dos recursos materiais, éticos e espirituais (ou simbólicos) de seu território local ou regional.

Os alunos de Unaí enfatizam a produção dos valores de amizade, confiança e equidade nascidas do compartilhamento – na ação – de situações comuns: os transportes rústicos a partir das comunidades e assentamentos, a constituição da associação de antigos alunos, a busca de apoio e interlocução institucional e a participação do Conselho de Desenvolvimento Territorial e as primeiras experiências de negociação.

### **Redução das assimetrias e aprendizagem da reciprocidade**

A primeira aprendizagem que os atores locais apontam é a da parceria. Ela requer um reconhecimento do outro, dos outros, bem como a necessidade de desenvolver capacidades de ação conjunta e de coordenação mútua.

Reduzir assimetrias passa também pela formação dos dirigentes e pela formação de base, ou seja, por meio de diversas formas de socialização de informações e referências: viagens de estudo, visitas de intercâmbio, dias de campo, unidades demonstrativas, experimentação em meio real, etc. Em contrapartida, está claro que são os dirigentes que mais participam e se beneficiam com estas formações, sem que isso garanta necessariamente um retorno ou uma socialização na base. Muitas vezes, eles justificam estas vantagens em termos de compensação, já que não recebem salário por sua atividade de dirigente.

As aprendizagens são também institucionais: trata-se de aprendizagem por meio da experiência e da aprendizagem de regras: regras do mercado de troca, da administração, dos bancos, da cooperação, etc. Em contrapartida, podemos nos perguntar se há reciprocidade nestas aprendizagens, nos casos do Estado e dos serviços públicos: seus funcionários não apresentam a mesma sede ou vontade de



**VII Workshop Nacional de Educação Contextualizada  
para Convivência com o Semiárido Brasileiro  
IV Colóquio de Pós-graduação do Vale do São Francisco.  
Diversidades e Direitos em Territórios Semiáridos.  
2017**

conhecimento, muito menos a capacidade de imaginar que podem aprender entre pares e menos ainda junto a agricultores assentados.

## **CONCLUSÃO**

Não é fácil tirar conclusões da experiência da Unicampo sobre as consequências em termos de modificação das relações locais, em particular de poder, mas algumas lições parecem irredutíveis:

Primeiro, pode-se observar a constituição de uma memória cidadã, lá onde não parecia haver nenhuma memória política. Posturas críticas levam a uma evolução do voto local. Progressivamente, à medida que os eleitores rurais apresentam melhor formação, informação e conscientização, o voto adquire maior autonomia. Isto não influi diretamente no sucesso de um ou outro partido e sim nas qualidades cívicas dos candidatos eleitos.

Segundo, no âmbito da dinâmica da Unicampo, como dos Territórios Rurais e da Cidadania apoiados pelo MDA até 2012, houve um lento e difícil processo de redução da dependência, um processo de conquista da autonomia e de aprendizagem da democracia (Tonneau *et al.*, 2004). Essa dinâmica foi associada a uma recuperação da dignidade dos agricultores, ou seja, a uma revalorização do estatuto dos camponeses pobres. Por exemplo, financiar sua parte da cisterna, mesmo se for uma contribuição simbólica, valorizar suas próprias sementes e vender produtos sadios contribui para esta valorização da autoestima e da identidade do grupo.

Finalmente, os agricultores familiares e camponeses beneficiados pelo ciclo Unicampo adquiriram três elementos de conhecimentos fundamentais durante a formação: a) descobriram a crítica marxista da exploração do sistema de troca capitalista; b) redescobriram suas raízes camponesas, recuperando uma identidade e dignidade coletiva regional; c) experimentaram, de forma prática e não teórica, a capacidade de multiplicação dos valores humanos éticos e afetivos por meio das relações de reciprocidade que, por sinal, são também aquelas da tradição de suas famílias e comunidades.

Porém, confrontados, por um lado, com as derivas, retrações, manipulações ou tentativas de instrumentalização de determinadas tutelas institucionais e financeiras do projeto e por outro, com as exigências legítimas de retorno formulado por suas comunidades, é natural que se sintam no mínimo em situação desconfortável. Eles preferiram não ter que presenciar novamente promessas gratuitas e menos ainda rechaços públicos; portanto, adotaram uma estratégia de resistência tipicamente



**VII Workshop Nacional de Educação Contextualizada  
para Convivência com o Semiárido Brasileiro  
IV Colóquio de Pós-graduação do Vale do São Francisco.  
Diversidades e Direitos em Territórios Semiáridos.  
2017**

camponesa.

## REFERÊNCIAS

- CANIELLO, Marcio, TONNEAU Jean Philippe, LEAL Francisca, LIMA Josepha, ARAUJO, Alexandre **Projeto Unicampo, Uma universidade camponesa para o semiárido Brasileiro**, Campina Grande, UFCG-Cirad, 2003, p16
- COUDEL, Emilie ; SABOURIN, Eric, **Apprentissage et action collective au Nordeste du Brésil** : l'Université Paysanne, Montpellier, Cirad - Inra, Actes du projet Accolade, 2005, 35p.
- COUDEL, Emilie, TONNEAU, Jean Philippe, REY, Helene. Quelles compétences et quels apprentissages pour faciliter l'insertion des acteurs locaux dans les dispositifs de gouvernance territoriale : L'exemple d'une recherche-accompagnement d'une université paysanne au Brésil, in **Colloque ERSA, European Regional Science Association**, 29-31 août 2007, Paris, 15p
- FREIRE, Paulo **Educação e conscientização: extencionismo rural**. Cuernavaca, México, CIDOC/Cuaderno 25, 1968. 320 p.
- GODBOUT, Jacques, **Le don, la dette et l'identité**, Paris, La Découverte/MAUSS, 2000, 190p.
- HATCHUEL, Armand, Apprentissages collectifs et activités de conception. **Revue Française de gestion**, Juin-aout 1994, pp 109-120.
- HATCHUEL, Armand, Quel horizon pour les sciences de gestion ? Vers une théorie de l'action collective. In: **Les nouvelles fondations des sciences de gestion**. A. David, A. Hatchuel, R. Laufer. Paris, Vuibert FNEGE, 2000, p 7-43.
- MENDRAS, Henri **Les sociétés paysannes**. Eléments pour une théorie de la paysannerie. Paris, Armand Colin, 1976, p281
- MERCOIRET, Marie Rose, **Rapport de mission sur le Projet Unicampo** : Université Paysanne au Brésil, juillet 2004, Montpellier Cirad Tera, 25 p.
- OSTROM, Elinor **Governing the Commons: The Evolution of Institutions for Collective Action**. New York: Cambridge University Press, 1990.
- OSTROM, Elinor, **Crafting Institutions for self-governing irrigation systems**, San Francisco: ICS Pres, Institute for Contemporary Studies, 1992, 228p.
- SABOURIN, Eric Práticas de reciprocidade e economia de dádiva em comunidades rurais do Nordeste brasileiro. In: **Raízes**, 20. 2000, p 41-49.
- Sabourin E. Reciprocidad e intercambio en comunidades campesinas del Nordeste: Massaroca (Bahía) **Revista Ibero americana de Autogestión y Acción Comunal**, 35-37, 2001, p101-112
- SABOURIN, Eric, COUDEL, Emilie. Multifunctionality of rural spaces and natural resource management: Brazil & France comparison. In: IASCP 2004 **International Conference: The Commons in a Age of Global Transition: challenges, risks and opportunities**, Oaxaca, Mexico, 9-13/08/, 2004, 12p.



**VII Workshop Nacional de Educação Contextualizada  
para Convivência com o Semiárido Brasileiro  
IV Colóquio de Pós-graduação do Vale do São Francisco.  
Diversidades e Direitos em Territórios Semiáridos.  
2017**

- SABOURIN, Eric Les tensions entre lien social et intérêts matériels dans les processus d'action collective, in **Les tensions entre lien social et intérêts matériels dans l'action collective**, Sabourin et Antona (Dir) Paris, CIRAD et Bibliothèque du MAUSS, 2005, p 13-39
- SABOURIN, Eric Organização dos agricultores e produção de valores humanos in **VII Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia**, Belo Horizonte, SBS, 1-3 junho 2005 b
- TEMPLE, Dominique, L'économie humaine in **La revue du MAUSS** n°10, (1) 1997, p. 103-109
- TEMPLE, Dominique. Les structures élémentaires de la réciprocité, in **Revue du MAUSS** n°12, (2) 1998, p 234-242,
- Tonneau Jean Philippe, Sabourin Eric, **Université Paysanne au Brésil**. Evaluation du I cycle du projet Unicampo. Montpellier, Cirad Tera n° 04/2004, 60p
- TONNEAU, Jean Philippe; LEAL, Francisca; CANIELLO Marcio; LIMA, Josepha P de; ARAUJO Alexandre E. Projeto UniCampo - Uma experiência de extensão no Cariri paraibano. In: Belo Horizonte. [Re]conhecer diferenças, construir resultados. 2004
- TONNEAU, Jean-Philippe; SILVA, Pedro C Gama da. Massoraca: aprendizagem coletiva e desenvolvimento da Agricultura Familiar no sertão da Bahia. **Raízes** Vol 22, n°1, 2003: 88-98